

A produção literária sul-rio-grandense contemporânea (1976-2016)

Contemporary literary production from Rio Grande do Sul (1976-2016)

Magali Lippert da S. Almeida¹

Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio Grande Do Sul, Porto Alegre, RS, Brasil.

Marlon Mello de M. Almeida²

Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, RS, Brasil.

Júlia de Andrade Gomes³

Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, RS, Brasil.

Resumo: O texto aqui apresentado é resultado da pesquisa “A produção literária sul-rio-grandense: um estudo dos últimos quarenta anos (1976-2016)”. Os autores se propuseram a mapear toda a produção literária produzida no Rio Grande do Sul entre os anos de 1976 e 2016 nos gêneros/subgêneros: Literatura Infantil e Juvenil, Romance/Novela, Conto, Textos Dramáticos, Poesia e Crônica. A pesquisa exploratória com amostra não-probabilística intencional mapeou autores com obras individuais impressas e com registro de ISBN. Elaborou-se um quadro em que os escritores (após exaustivo levantamento em dicionários biográficos, sites especializados, associações de escritores e academias literárias, entre outros recursos) foram organizados em ordem alfabética de sobrenome assinalando-se o gênero literário aos quais se dedicaram. Mapeamos 939 escritores, dos quais publicaram exclusivamente: 23,7% Poesia; 14,9% Literatura Infantil/Juvenil; 9,6% Romance/Novela; 9,3% Conto; e 6,6% Crônica. Dos autores que publicaram em mais de um gênero temos 35,5%. **Palavras-chave:** Literatura sul-rio-grandense contemporânea. Literatura gaúcha contemporânea. Produção literária contemporânea. Escritores gaúchos.

Abstract: The text presented here is the result of the research “The literary production of Rio Grande do Sul: a study of the last forty years (1976-2016)”. The authors proposed to map all literary production in Rio Grande do Sul between 1976 and 2016 in the genres/subgenres: Children’s and Juvenile Literature, Romance/Novel, Short Story, Dramatic Texts, Poetry and Chronicle. This exploratory research with intentional non-probabilistic sample mapped authors with individual printed works and ISBN registration. A chart was elaborated in which the writers (after exhaustive survey in biographical dictionaries, specialized websites, writers associations and literary academies, among other resources) were organized in alphabetical order of surname indicating the literary genre to which they were dedicated. We mapped 939 writers, of which exclusively published: 23,7% poetry; 14,9% children’s/youth literature; 9,6% novel/novel; 9,3% tale; 6,6% chronic. Of the authors who published in more than one genre we have 35,5%.

Keywords: Contemporary Rio Grande do Sul Literature. Contemporary Gaúcho Literature. Contemporary literary production. Gaúcho writers.

¹ Orcid: <http://orcid.org/0000-0002-0212-4002>. E-mail: magali.lippert@poa.ifrs.edu.br

² Orcid: <http://orcid.org/0000-0002-0456-508X>. E-mail: marlon.almeida@ufrgs.br

³ Orcid: <http://orcid.org/0000-0001-9882-7353>. E-mail: hearjuliaroar@gmail.com



Introdução

Em meados de 2016, a partir da leitura compartilhada (entre alguns pesquisadores do grupo de pesquisa LEIA – UFRGS/IFRS) do livro de contos *Ensaio sobre o não e outros fracassos*, do escritor e professor gaúcho Marcelo Rocha, nos vimos diante de uma questão pouco explorada nos estudos literários: o crescente número de novos escritores e o pouco estudo sobre a demanda e a aquisição de livros por leitores. Rocha, em uma obra em que revela fina ironia e admirável talento literário, faz a seguinte provocação no conto “Se o leitor em uma noite solitária...”: “Você deve ter ganhado o novo livro de contos do Marcelo Rocha, ‘Ensaio sobre o não e outros fracassos’. Provavelmente, é amigo ou familiar do autor” (ROCHA, 2015, p. 73).

Fixamo-nos, no debate que se seguiu, na frase final da citação acima e questionamos se os escritores contemporâneos do Rio Grande do Sul não estariam escrevendo, apenas, para amigos e familiares. A partir dessa reflexão, ainda rudimentar na época, decidimos submeter um projeto de pesquisa (ao CNPQ) em que pretendíamos mapear toda a produção literária dos escritores gaúchos entre os anos de 1976 e 2016, para posteriormente analisarmos o impacto dessa produção na demanda dos leitores gaúchos.

A pesquisa (desde então em andamento com apoio do CNPQ através de duas bolsas PIBIC/EM e uma PIBIC) começa, a partir de agora, a apresentar os seus primeiros resultados, que pretendemos expor nas próximas páginas.

Metodologia

A pesquisa exploratória com amostra não probabilística intencional mapeou autores com obras individuais impressas e com registro de ISBN (*International Standart Book Number*) nos seguintes gêneros/subgêneros literários: Literatura Infantil e Juvenil, Romance/Novela, Conto, Textos Dramáticos, Poesia e Crônica. É importante ressaltar que o registro de ISBN foi criado em 1967, e oficializado em 1972. Entretanto, é comum encontrarmos obras de autores consagrados, inclusive publicados por grandes editoras, que ainda não possuíam registro na década de

1980. Nesses casos específicos, examinamos as obras e a relevância do autor e resolvemos caso a caso para a decisão final de inseri-lo ou não no mapeamento.

Autores com publicações apenas em antologias (em conjunto com outros autores) e obras de construção coletiva (com mais de dois autores) não foram mapeados, assim como os autores que possuem apenas publicações em periódicos. Autores que publicaram miscelâneas com diversos textos que incluem, por exemplo, alguns poemas, letras de músicas, “pensamentos”, crônicas etc., também não foram mapeados pela dificuldade de adequação ao critério de produção por gênero literário.

Autores nascidos no Rio Grande do Sul, mas que não residem no estado, foram mapeados, assim como os não gaúchos residentes no estado. Autores que possuem forte identificação com o estado (cuja biografia mencione que viveram e publicaram no Rio Grande do Sul) foram considerados na pesquisa quando identificada essa peculiaridade.

O estudo compreendeu as publicações dos últimos quarenta anos (1976 a 2016), pois após levantamento bibliográfico percebemos que é o período em que há maior carência de informações sobre a produção literária no Rio Grande do Sul e porque coincide com o início do processo de reabertura democrática no País, favorecendo, com isso, mais liberdade de expressão aos autores que, aos poucos, conseguiam driblar a censura. Por fim, ainda é relevante informar que foram incluídos no mapa escritores em atividade e alguns já falecidos (desde que falecidos após 1976 e que tenham publicação também após essa data).

De posse dos critérios, partimos para a elaboração de um quadro (logo abaixo) em que os escritores (após exaustivo levantamento em dicionários biográficos, sites especializados, associações de escritores e academias literárias, sites de editoras, entre outros recursos) foram organizados em ordem alfabética de sobrenome assinalando-se o gênero literário (por uma questão de praticidade chamaremos de gênero) aos quais se dedicaram.

O mapeamento conta com trinta páginas, de modo que é inviável apresentá-lo na íntegra em um artigo, mas para fins de demonstração do formato seguem os primeiros autores em ordem alfabética de sobrenome:

Quadro 1 – Demonstração dos primeiros autores do levantamento por ordem alfabética

Autor	Literatura Infantil/Juvenil	Romance/Novela	Conto	Textos Dramáticos	Poesia	Crônica
Abreu, Caio Fernando						
Abreu, Maikel de						
Abuchaim, Beatriz						
Adam, LiziaPessin						

Fonte: Elaborado pelos autores com base na pesquisa.

Optamos por cores vivas e visivelmente diferentes para destacar os gêneros. Assim, as células marcadas com as cores representam o gênero ao qual o escritor (cujo nome está na primeira coluna) se dedicou (independentemente do número de obras publicadas em cada gênero pelo autor em questão). Também é importante salientar que a impossibilidade de mensurar toda a produção dos quarenta anos compreendidos no estudo (livro a livro) nos levou à análise do autor *versus* gênero (exclusivo ou misto) literário em que publica as suas obras.

Uma curiosa especificidade: analisando o Quadro 1, percebemos que o escritor Caio Fernando Abreu investiu literariamente em todos os gêneros estabelecidos no estudo, enquanto a escritora Beatriz Abuchaim publicou, exclusivamente, literatura infantil.

A Literatura sul-rio-grandense contemporânea

Não pretendemos discutir, neste texto, o conteúdo da literatura produzida no Rio Grande do Sul e também não pretendemos travar um debate sobre o que entendemos por Literatura Contemporânea, por motivos já descritos na introdução e na metodologia consideramos na pesquisa os anos entre 1976 e 2016.

Contemporâneo aqui seria o que estamos vivenciando ou vivenciamos recentemente. Alves (2012), analisando os estudos de Beatriz Rezende e Helena Bonito Pereira, conclui que Literatura Contemporânea compreende o que é recente/atual e o que foi publicado há poucas décadas.

De qualquer forma, o que pretendemos é explorar a suposição de que o Estado possui um sistema literário organizado e *case* de sucesso para o resto do País.

Com efeito, segundo Araújo (2014, p. 154):

O Rio Grande do Sul possui, de fato, um mercado editorial e um conjunto de autores voltado para o público interno do estado, o que, não poderia deixar de ser, resulta em acusações de bairrismo por parte do resto do país e de um certo ressentimento por parte de autores e público locais.

Por outro lado, a ironia de Marcelo Rocha sobre quem estaria lendo o seu livro desdiz a afirmação de Araújo. Escrevemos “em parte” porque de fato existe um sistema literário organizado entre escritor-editor/distribuidor-leitor, entretanto os escritores sul-rio-grandenses cujas obras chegam às mãos de leitores (que não sejam seus parentes e amigos) formam uma elite fortemente enraizada.

Essa elite é formada por cronistas de jornais, alguns acadêmicos e escritores profissionais (pessoas que tentam viver de literatura oferecendo oficinas literárias, viajando para feiras de livros e outros eventos em municípios do interior do Estado e de outros estados, estabelecendo contatos através de associações e redes sociais etc.).

Para Cândido (1962), um sistema literário constituído se distingue pela existência de um conjunto de produtores literários, mais ou menos conscientes do seu papel; um conjunto de receptores, formando os diferentes tipos de público, sem os quais a obra não vive; um mecanismo transmissor (de modo geral, uma linguagem, traduzida em estilos), que liga uns a outros.

Para ilustrarmos nossa afirmação, tomemos o material de divulgação da “1.ª Semana Literária” de uma escola privada de Porto Alegre, a programação da feira se resume aos escritores: Luiz Antonio de Assis Brasil, Daniel Galera, Lya Luft, Letícia Wierzchowski, Cíntia Moscovich, Luis Fernando Veríssimo e um importante escritor e ilustrador de obras infantis radicado em Porto Alegre, mas conhecido no País inteiro: André Neves. A reflexão é simples: esses autores são, justamente, os que figuram no cenário nacional (poderíamos citar nesse contexto de reconhecimento nacional, ainda, Fabrício Carpinejar e Tabajara Ruas, além de mais alguns cronistas de jornal), então onde está o consumo das outras, aproximadamente, nove centenas de autores em atividade no Rio Grande do Sul? São muitas questões e poucas respostas, ainda. Schwartz (2006) entende que os escritores sentem necessidade de escrever e assim o fazem.

Por isso vou sustentar aqui uma posição unilateral, que entretanto tem algum fundamento, e que é a seguinte: as condições necessárias para fazer um escritor resumem-se em papel e tinta, alguns livros, e a experiência da vida moderna, à qual aliás não se escapa mesmo (SCHWARZ, 2006, p. 159).

Se mais de novecentos escritores publicaram em diferentes gêneros (a maioria mais de um livro) e lançaram as suas obras no mercado gaúcho, para quem eles estariam vendendo as suas obras? Se por um lado existe um certo mercado interno para os escritores gaúchos, por outro, parece óbvio que há um desequilíbrio nas obras que são, de fato, consumidas pelos leitores que residem no Rio Grande do Sul.

Schwarz (2006) afirma:

Há crise na produção literária do país? É quase forçoso, feita a pergunta nestes termos, entender literatura como um processo coletivo, em que estão envolvidos, além da tradição e algum dinheiro, uma porção de escritores, leitores e editores, e do qual está excluída, por razões sociais, uma multidão de outros homens. Entretanto, estes tópicos não dão conta da matéria: ao examiná-los, deixamos de lado a obra individual, e

acontece que a literatura é feita de obras individuais (SCHWARZ, 2006, p. 157 grifo do autor).

Esse é outro ponto a ser considerado: os escritores continuarão escrevendo. Mas se temos uma crise na produção literária (mesmo que o alarde possa ser exagerado), e se ela for real, é possível que esteja relacionada ao pouco consumo, mas se o autor insiste em continuar produzindo o que fazer com o excedente de produção? É certo que algumas editoras, percebendo a impossibilidade de armazenamento de toda a produção, lançam alternativas de edições sob demanda, imprimindo aos poucos uma edição de tiragens anteriormente acertadas com os autores, mas muitos autores ainda percebem essa “solução” com certa desconfiança. Afinal, assim como muitos leitores desejam a obra literária impressa, podemos lembrar a velha discussão sobre o fim do livro (impresso), muitos escritores desejam visualizar o montante de livros que contrataram. Ter certeza de que aqueles livros existem e não que estão “na nuvem” esperando que alguém os descubra.

Resultados

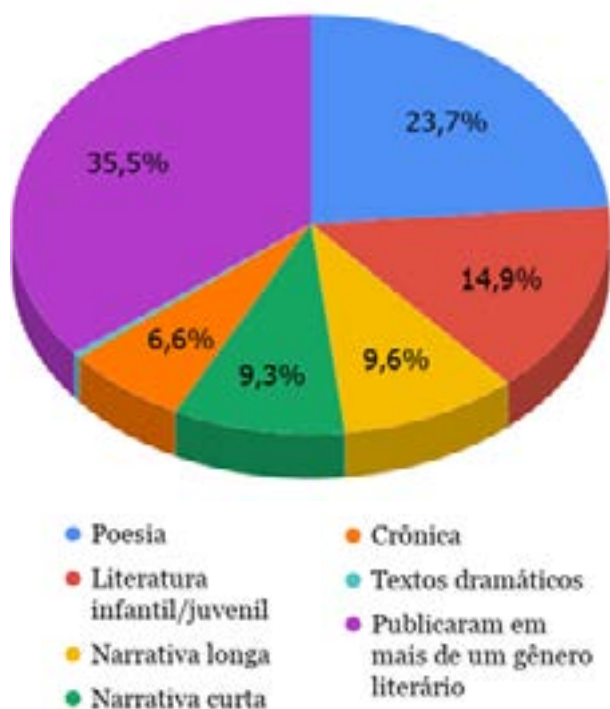
O número total de escritores mapeados foi 939; desses, 344 são mulheres e 595 são homens, sendo que, até agosto de 2018, 35 escritores mapeados já haviam falecido.

No que diz respeito aos gêneros mapeados, o maior impacto foi na Poesia: 222 escritores se dedicaram, exclusivamente, à publicação desse tipo de texto. Nos demais gêneros, considerando a exclusividade (escritores que não possuem publicações em gêneros variados) temos os seguintes números:

- 140 escritores se dedicaram à Literatura Infantil/Juvenil;
- 90 escritores se dedicaram à narrativa longa (Romance/Novela);
- 87 escritores se dedicaram à narrativa curta (Conto);
- 62 escritores se dedicaram à Crônica.
- 4 escritores se dedicaram a Textos Dramáticos.

Sendo assim, temos 605 escritores, dos 939 mapeados, que não se aventuraram em gêneros diversos e 334 que publicaram em mais de um gênero literário (ver Gráfico 1).

Gráfico 1 – A produção literária sul-rio-grandense – por gênero literário



Fonte: Elaborado pelos autores com base na pesquisa.

Dos 334 escritores que publicaram em mais de um gênero literário, 159 deles se aventuraram no gênero lírico, sendo assim, dos 939 escritores mapeados, 383 possuem, pelo menos, uma obra poética publicada. O que equivale a dizer que 40,8% dos escritores gaúchos que publicaram entre 1976 e 2016, possuem produção poética. Considerando que trabalhamos com seis gêneros literários, esse é, sem dúvida, um dado impactante.

Os únicos autores sul-rio-grandenses que se dedicaram a todos os gêneros propostos no estudo foram Caio Fernando Abreu, Waldir Ayala e Luis Fernando Veríssimo, autores muito conhecidos no cenário nacional, especialmente o primeiro e o terceiro.

Ainda é importante analisar a produção de Literatura Infantil/Juvenil: 140 escritores se dedicaram exclusivamente a esse tipo de literatura, pre-

dominante entre as mulheres, pois das 344 escritoras mapeadas, 92 mulheres investiram a sua energia criativa, exclusivamente, na Literatura Infantil/Juvenil, enquanto entre os homens, o número foi de 48 (dos 595). Na perspectiva global, o desequilíbrio é evidente: apenas 5% dos escritores homens investiram em Literatura Infantil/Juvenil (com exclusividade e, portanto, demonstrando ser seu interesse de escrita), entre as mulheres o número é de 26,8%.

Se por um lado poderíamos festejar a supremacia feminina na produção desse tipo de literatura voltada para o público infantil e juvenil, por outro, é óbvio que haverá muito desequilíbrio nos números finais relacionados a produção nos outros gêneros. Por ora cabem algumas reflexões: A literatura infantil e juvenil por vezes é considerada uma literatura de “segunda classe”, a crítica literária dificilmente se debruça sobre ela e são raros os escritores desse gênero que alcançam notoriedade relevante (a menos que se dediquem ou tenham se dedicado, também, a outros gêneros literários).

As mulheres, historicamente voltadas para o convívio familiar, antes de ocuparem as funções profissionais da atualidade, ocuparam, primeiramente, postos de trabalho que não foram ocupados pelos homens ou que eles abandonaram, então surge o papel das mulheres educadoras, ou seja, muitas mulheres começaram suas vidas profissionais (algumas permanecem até nossos dias) como professoras de educação infantil e ensino fundamental – possibilitando a convivência com crianças e adolescentes e propondo atividades (como a contação de histórias) em que o desejo de criar e compartilhar algo com os pequenos acaba surgindo (ALMEIDA; WEISSHEIMER, 2018, p. 461-462).

O caso da ficção também é emblemático, pois 175 escritores homens conseguiram se dedicar, exclusivamente, a publicação de livros de contos ou romances, enquanto o número de mulheres foi 58. Entretanto, na perspectiva geral (homens e mulheres) a produção de ficção, considerando pelo menos um livro publicado nessa categoria (e aqui juntamos

narrativa longa e curta), foi de 446 escritores. Então, dos 939 escritores que publicaram entre 1976-2016, 47,6% publicou pelo menos um livro de ficção.

É possível perceber que há certo equilíbrio entre o número de escritores que publicou pelo menos um livro de poesia e pelo menos um livro de ficção. A curiosidade talvez esteja na demanda por livros de poesia que, teoricamente, é muito menor que a de ficção (especialmente romance).

Discussão

Dos 939 escritores mapeados, 35 já haviam falecido até agosto de 2018, então podemos considerar que 904 estão em atividade. Contudo, devemos levar em consideração que muitos publicam apenas um livro e depois abandonam a produção literária por diversos motivos que não cabe refletir nesse momento (talvez em texto mais oportuno). Na área de Biblioteconomia é comum ouvirmos a frase “os livros são escritos para serem lidos” do bibliotecário indiano Ranganathan (2009), chamamos essa máxima de uma das cinco Leis da Biblioteconomia. Então, é relevante considerar que um escritor publica a sua obra não apenas para si, ele quer ser lido, e dependendo do grau de ambição ele quer ver seu livro sendo vendido/comprado.

É importante destacar que 605 escritores se dedicaram a um único gênero (lembrando que no mapa separamos narrativa longa de curta, portanto, estão como gêneros diferentes). Uma possibilidade é considerar que a insistência em publicar apenas livros de poesia, romances ou contos, por exemplo, consolida alguns escritores como poetas, contistas ou romancistas, mas considerando a análise do mapa, notamos que muitos desses autores são totalmente desconhecidos do público (foram realizadas coletas de dados que serão oportunamente publicadas, mas para simplificar cabe a seguinte reflexão: quantos escritores sul-rio-grandenses em atividade conhecemos?) o que pode significar que a publicação (muitas vezes única) é, ou foi, uma “aventura literária”, o “sonho de publicar um livro”, possivelmente uma ilusão de celebridade que é descaracterizada assim

que o “sucesso do lançamento” junto a familiares e amigos (utilizando a percepção de Marcelo Rocha) se esgota, e o resultado, ocasionalmente, é uma dívida a ser paga na gráfica ou a frustração de seus livros encalhados nas (pouquíssimas) livrarias da cidade.

Vejamos o alto número de poetas, 222. A poesia é um gênero de aparente facilidade, pode ser ras-cunhada em uma folha de papel para, em momento oportuno, ser reunida com outras e formar um livro, levando algumas pessoas a se aventurarem no gênero. Aliás, em nossa experiência em sala de aula, não é incomum ouvir de algum aluno “sou poeta”, porque acredita que alguns *insights* poéticos lhe rendem a alcunha de poeta (e talvez até possa publicá-los algum dia!), mas não ouvimos os alunos dizendo, “sou romancista”. Não nos cabe aqui criticar a banalização do fazer poético que, evidentemente, não se resume a epifanias eventuais, mas a um árduo trabalho de composição intelectual e estética que requer inspiração, técnica e repertório metalinguístico. Entretanto, através da visualização do mapa não é difícil perceber que a maioria dos nomes que constam ali são totalmente estranhos mesmo a nós, pesquisadores, que já possuímos alguns anos de estudo de Literatura Contemporânea do Rio Grande do Sul.

Mas, afinal, o que levaria tantas pessoas a investirem na publicação de livros de poesia? Essa não parece uma questão difícil de ser respondida. Em linhas gerais, o Rio Grande do Sul é um forte centro de oficinas literárias, que, bem ou mal, incentivam a entrada de novos escritores em um mercado que, infelizmente, não os absorve. Dacanal (2009), em seu livro *Oficinas Literárias: fraude ou negócio sério* levou a polêmica ao extremo ao afirmar:

Especificamente, *oficina literária* – ou *oficina de escrita criativa*, ou *curso para escritores*, ou seja lá o nome que tiver – tem sido recentemente, no Brasil, uma expressão utilizada para identificar atividade geralmente privada ou paga, e o mais das vezes informal, auto-apresentada como tendo o objetivo e a capacidade de ensinar adultos a escrever. Mas o que é *ensinar a escrever*? Alfabetizar uma criança? Transformar em

Dante, Shakespeare, Tolstoi, Fernando Pessoa etc. um pobre-diabo como eu, sem talento artístico? (DACANAL, 2009, p. 16, grifo do autor).

Também há um incentivo considerável nas escolas que promovem “concursos literários de poesia” (reparem que, normalmente, não é produção de narrativa, muito menos de narrativa longa), dando a impressão aos jovens estudantes que escrever poesia é algo fácil e simples.

Considerando a ficção (romance e contos), talvez o mais relevante seja perceber que 445 escritores possuem pelo menos um livro de narrativa longa ou curta. O que significa que existe uma predominância dessa produção, a posição de ficcionista, especialmente romancista (aos quais se dedicaram, exclusivamente, 89 escritores), parece ser a mais desejada. É provável que seja a que configure maior *status*, pois se aventurar na composição de um romance requer tempo, dedicação, fôlego e organização, enfim, não se trata de considerar essa arte literária maior do que as outras, mas ela é mais trabalhosa na medida em que (nos tempos atuais) dificilmente alguém manuscruveria um romance, então é necessário estar conectado a um computador e o mais importante: persistência.

No caso dos escritores de livros de crônica percebemos um forte domínio dos veículos de comunicação, muitos autores que se dedicaram à crônica (exclusivamente foram 62) possuem relação com jornais, não necessariamente os grandes jornais, mas muitos do interior do Rio Grande do Sul. Também foi possível analisar, através do mapa, que, assim como a Poesia, a Crônica é um gênero que as pessoas mais facilmente se aventuram, por um lado porque também há aparente facilidade, sendo possível rascunhar em uma folha de papel para posterior revisão e reunião com outras crônicas, outro motivo poderia ser a necessidade de emitir opinião, o que é próprio da crônica.

O gênero Textos Dramáticos foi de difícil rastreamento, localizamos apenas 4 escritores que se dedicaram exclusivamente a ele, talvez por estar entre o limiar da Literatura e do Teatro, muitos autores de textos para o teatro não publicam como livro os seus textos, entretanto não temos certeza absoluta se

esse seria o motivo do baixo número de autores de Textos Dramáticos no formato livro. Considerando, porém, os autores que publicaram outros gêneros, mas também publicaram para o Teatro, esse número foi de 21. Então, temos 25 autores que se dedicaram, em maior ou menor medida, à composição dramática.

Podemos depreender, do que foi apresentado até agora, que o Rio Grande do Sul possui uma comunidade de escritores bastante representativa e que isso envolve um sistema que compreende produção/edição/distribuição/aquisição por parte do leitor e consequente leitura do livro adquirido. De forma ainda preliminar podemos afirmar que a produção é representativa, e a edição, apoiada em uma cadeia de editoras locais de considerável número, atende ao que se imagina ser o “nosso” sistema literário, mas nos parece que a partir da distribuição/aquisição de livros literários temos um problema que precisa de minuciosa análise (e que pretendemos fazer em um próximo estudo), pois se relaciona ao consumo da literatura publicada no Rio Grande do Sul.

É importante termos em mente que existem leitores de obras impressas em números ainda relevantes, conforme a pesquisa Retratos de Leitura no Brasil (2016). Ainda que comparada à população brasileira geral possamos considerar ínfimo o número de consumidores de livros (30% das pessoas entrevistadas na pesquisa jamais comprou um livro e 44% da população é considerada não leitora), existe certa demanda para o texto impresso. O problema parece estar nas referências literárias/intelectuais do que esse pequeno número de leitores realmente lê.

Entre os autores mais citados pelos leitores (segundo a pesquisa) estão: Augusto Cury (escreve livros sobre gestão emocional/auto-ajuda), Chico Xavier (escreveu sobre Espiritismo), Gabriel Garcia Marquez (escreveu obras literárias), Paulo Freire (escreveu obras da área de Educação), BennyHinn (escreve textos religiosos), Ernest W. Maglischo (escreve sobre esporte) e Içami Tiba (escreve sobre Educação). Dos sete escritores mais citados, apenas um é autor de Literatura, e não é brasileiro.

Se por um lado, temos um grupo de escritores e editoras sul-rio-grandenses empenhados na pro-

dução literária local, por outro temos uma forte concorrência externa que impõe aos distribuidores/livrarias o destaque daquilo que é mais interessante para a venda, ou seja, para o “negócio do livro”.

É bastante perceptível a difícil concorrência com os *best-sellers* internacionais, os “romances” espíritas e a literatura de autoajuda: os editores compram gôndolas, vitrines etc. Para Rösing e Zilberman (2016, p. 7):

Depois de proclamar, por algumas décadas, a autonomia da arte e, em particular, da autossuficiência do objeto literário, em consonância com os princípios da vanguarda, que ignoravam o público ou queriam chocá-lo, a literatura deparou-se com o encolhimento do número de leitores.

Muitas vezes o impacto positivo das vendas de um determinado livro é representado como índice de qualidade atraindo leitores. Embora em dado momento, segundo as autoras citadas, tenha havido otimismo em relação ao objeto literário, a verdade é que a literatura que se autossustenta é aquela que agrada o leitor, os escritores que seduzem o grande público são aqueles que escrevem textos com os quais os leitores se identificam e não os escritores que expõem as misérias humanas, que escandalizam ou chocam.

Então, se a Literatura de modo geral está passando por esse “encolhimento” o que esperar de um contingente de autores ingênuos sobre o “negócio do livro” e reféns de um desejo de publicar? Cada vez mais os vemos lançando mão de inúmeros artifícios tanto para publicar como para serem lidos. Um exemplo é o uso das redes sociais digitais como forma de promover publicações e de divulgar palestras.

Para publicar, muitos estão se sujeitando à edição sob demanda: o autor paga para ser publicado e a editora vai imprimindo as obras conforme a demanda de compra. Mas se as pessoas não vêem a obra nas vitrines físicas ou on-line das livrarias, não vêem pirâmides cuidadosamente montadas nas entradas das livrarias e nem em mostruários perto do caixa de pagamento, como descobrirão o livro que está na nuvem esperando para ser adquirido?

Ainda no “campo das publicações” têm crescido a edição de obras em *e-book*, e essa talvez seja a solução mais econômica. Alguns especialistas têm aliado a edição de *e-books* à edição sob demanda, uma vez que o livro já estaria no formato de impressão. Mas muito ainda se fala sobre a dificuldade em ser localizado, especialmente quando se é um escritor praticamente anônimo, e, convenhamos, esse é o caso da maioria dos autores gaúchos e isso fica muito claro ao observarmos o mapa.

Então, como posso procurar um livro de um autor que não conheço? É a partir dessa reflexão que percebemos uma modalidade de divulgação relativamente moderna: a autopromoção nas redes sociais digitais.

As redes sociais digitais nasceram como um local democrático onde todos tinham as mesmas chances de se pronunciarem, de se promoverem e de serem lidos. Isso mudou consideravelmente, hoje as pessoas podem fazer pagamentos para atingir um número maior de pessoas e, conseqüentemente, vender livros ou ter os seus textos lidos. Não discutiremos as modalidades aqui: se o escritor está pagando ou não para promover a sua literatura. Mas sim, o conteúdo: vemos autores comunicando lançamentos, postando pequenos textos para despertar a curiosidade por seus livros, vendendo livros diretamente e, principalmente, fazendo autopropaganda: “recebi uma menção honrosa!”, “venci o prêmio tal” (e vai do mais simples ao mais importante dependendo do “quilate” literário de quem escreve), “dei uma entrevista para tal emissora/jornal”, “fulano citou meu livro” etc. Tudo isso é válido para ganhar mais um leitor, mas as “curtições” nem sempre são sinônimo de interesse real e, muito menos, de venda de livros literários ou, ainda, mais humildemente, da simples leitura de um texto.

O assunto não é engraçado, é quase deprimente. Não mensuramos quantos escritores são realmente críticos quanto ao contexto do consumo da literatura sul-rio-grandense produzida em nossos dias, mas é certo que existe uma espécie de “ilusão coletiva” sobre o reconhecimento como escritor. No ano de 2013, o professor Marlon de Almeida (CAP/UFRGS) se dedicou a entrevistar escritores gaúchos em atividade para o extinto programa de rádio Poesia Blues.

Dessas entrevistas, analisamos o conteúdo de 24 e nos surpreendemos com as respostas dos escritores: a maioria deles, ao serem convidados a falar sobre as suas “carreiras literárias”, invariavelmente falavam sobre as “suas inspirações”, os “seus leitores”, as “suas experiências”, praticamente não havia crítica sobre a escassez de leitores ou sobre as dificuldades de atingir o público leitor. A maioria falava e se comportava como se os seus livros vendessem como *best-sellers*.

A única fala destoante, das 24 que analisamos, foi a do escritor Marcel Citro que, quando convidado a falar sobre a sua carreira literária, respondeu: “Não tenho carreira, eu tenho esperança”. Se Marcelo Rocha foi irônico no próprio fazer literário ao chamar a atenção para a possibilidade de só amigos e parentes lerem os seus escritos, Citro, por sua vez, isola o fazer literário e declara a realidade sendo igualmente verdadeiro: ambos fazem a radiografia do que temos hoje em termos de consumo de literatura sul-rio-grandense contemporânea.

Considerações finais

Este artigo apresenta boa parte dos resultados da pesquisa “A produção literária sul-rio-grandense contemporânea (1976-2016)”, no entanto, nossa pretensão vai além: a de começarmos, aqui, a travar um novo debate relacionado à questão do consumo da Literatura produzida no estado do Rio Grande do Sul ou por autores oriundos daqui.

Embora tenhamos tido sucesso na pesquisa, atingindo, até o momento, tudo o que nos propusemos, não poderíamos deixar de mencionar as dificuldades pelas quais passamos ao desenvolver esse trabalho. A maior dificuldade foi o tamanho do mapa, que atingiu 30 páginas e 939 linhas, divididas em 7 colunas. Seis (6) pesquisadores manipulavam com frequência o mapa, organizado como quadro, o que causou uma série de transtornos: inserções de escritores já mapeados, variação de cores no quadro e muito retrabalho por parte de todos. Também tínhamos o temor de deixar algum escritor de fora do mapa, pois percebemos a importância que alguns

escritores deram à pesquisa, entrando em contato com frequência para saber de seu andamento.

Ademais, ainda encontramos outras dificuldades para o mapeamento, como o eventual uso de pseudônimos por escritores, a confusão entre os gêneros (algumas obras tinham uma mistura entre vários gêneros/subgêneros e isso implicava em uma tomada de decisão quanto à inserção do autor no mapa), nomes neutros (o que dificultava a identificação do autor como homem ou mulher) e a falta de informação sobre alguns autores na Rede. Nesse sentido tivemos o importante apoio do Clube dos Editores do Rio Grande do Sul, que nos auxiliou com doações de obras para análise e informações sobre publicações de seus autores.

Quanto à localização do ISBN das obras, nos deparamos com problemas no sistema da Fundação Biblioteca Nacional: páginas não encontradas, falta de dados sobre autor e obra, entradas de autor de formas diferentes (sobrenomes diferentes para o mesmo autor, por exemplo).

A contagem de gêneros aos quais os autores se dedicaram teve de ser manual pela complexidade do quadro: a transferência para o programa Excel duplicava células e aumentava o número real. Os cruzamentos de dados também foram (e estão sendo) de enorme dificuldade (por isso estamos trabalhando, nesse artigo, com parte dos resultados), pois a probabilidade de um autor publicar mais de um gênero literário gera uma possibilidade de 41 combinações diferentes para cada autor.

Apesar das dificuldades encontradas é evidente a relevância do mapa, a partir dele muitos outros trabalhos poderão ser realizados. É surpreendente termos um documento com todos os autores sul-rio-grandenses que publicaram obras literárias em um período tão abrangente (1976-2016), foi uma empreitada de muito esforço e dedicação, muita análise crítica e correções de rumo. Estamos estudando uma forma de publicar o mapa completo para que outros pesquisadores do País possam fazer uso das informações contidas ali, bem como realizarem os seus próprios trabalhos.

Referências

ALMEIDA, Magali Lippert. da S.; WEISSHEIMER, Gabriela. A produção literária das mulheres sul-rio-grandenses contemporâneas (1976-2016). *Travessias Interativas*, São Cristovão/SE, v. 8, n. 16, 2018, p. 453-466.

ALVES, Cristiane da Silva. Algumas (breves) considerações sobre a Literatura Brasileira Contemporânea. In: JORNADA UFRGS DE ESTUDOS LITERÁRIOS, 2., 2012, Porto Alegre. *Anais [...]*. Porto Alegre: UFRGS, 2012. Disponível em: https://www.ufrgs.br/ppgletras/IIjornadaestlit/artigos/port_bras/ALVESCristiane.pdf. Acesso em: 08 ago. 2019. <https://doi.org/10.22456/2177-0018.50482>

ARAÚJO, Homero Vizeu. *O futuro pifado na Literatura Brasileira*. Porto Alegre: UFRGS, 2014.

CANDIDO, Antonio. *Formação da Literatura Brasileira: momentos decisivos*. Belo Horizonte: Editora Itatiaia, 1962.

CITRO, Marcel. Marcel Citro: conversa [abr. 2013]. Entrevistador Marlon de Almeida. Porto Alegre: RFA, 2013. 1 arquivo de computador.

DACANAL, J. H. *Oficinas literárias: fraude ou negócio sério?* Porto Alegre: Soles, 2009.

RANGANATHAN, S. R. *As cinco leis da Biblioteconomia*. Brasília, DF: Briquet de Lemos, 2009.

ROCHA, Marcelo. *Ensaio sobre o não e outros fracassos*. Porto Alegre: Buqui, 2015.

RÖSING, Tânia; ZILBERMAN, Regina. Fazendo a leitura acontecer. In: RÖSING, Tânia; ZILBERMAN, Regina (org.). *Leitura: História e Ensino*. Porto Alegre: Edelbra, 2016, p. 7-9.
SCHWARZ, Roberto. *Que horas são?: ensaios*. 2. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2006.

SEMANA LITERÁRIA DO COLÉGIO LEONARDO DA VINCI BETA, 1., 2017, Porto Alegre. *A literatura transforma*. Folheto. Porto Alegre: Colégio Leonardo da Vinci Beta, 2017.

Recebido em: 7/9/2019.

Aprovado em: 21/10/2019.

#35605

ARTIGOS

Endereços para correspondência

Magali Lippert da S. Almeida

Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio Grande do Sul (IFRS)

Rua Coronel Vicente, 281, sala 606, Centro Histórico, Porto Alegre, RS, CEP 90030/041

Marlon Mello de M. Almeida

Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS)
Av. Bento Gonçalves, 9500, prédio 43815, sala 206,
Bairro Agronomia, Porto Alegre, RS, CEP 91509/900

Júlia de Andrade Gomes

Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS)
Av. Bento Gonçalves, 9500, prédio 43815, sala 2016,
Bairro Agronomia, Porto Alegre, RS, CEP 91509/900